

Actividade Profissional dos Diplomados pela Escola Superior Agrária de Castelo Branco

Celestino Morais de Almeida*

A ESACB tem desde sempre demonstrado uma preocupação constante em saber o destino profissional dos seus diplomados, tendo para o efeito levado a cabo estudos periódicos cujos resultados são disponibilizados através da revista AGROforum e da Biblioteca da ESACB. Este tipo de informação, normalmente recolhida através de inquéritos postais, tem sempre um **valor indicativo** relativo a aspectos que se podem revestir de grande importância tanto para a direcção da Escola, como para os seus professores e alunos.

Este artigo refere-se a mais um desses estudos, reportado ao período de Julho de 1995 a Julho de 1997, assumindo-se mais como um **instrumento de divulgação**, do que propriamente como um trabalho de reflexão aprofundada, sem deixar, contudo, de conter algumas considerações sobre aspectos mais particulares, não obstante deixar a cargo do leitor a reflexão cuidada sobre os assuntos que mais directamente lhe dizem respeito.

Aspectos metodológicos

Os dados que se apresentam são relativos à inserção profissional dos diplomados pela ESACB durante o período de Julho de 1995 a Julho de 1997. O inquérito foi enviado a todos os ex-alunos que se diplomaram durante o referido período, tendo-se obtido uma taxa de resposta de 50%, mais ou menos uniforme para

cada curso e relativamente aos 234 inquéritos enviados (Tab 1). É de salientar, que esta taxa de resposta é bastante satisfatória atendendo à metodologia que se utilizou. Será apenas de ressaltar que a representatividade entre cursos e anos é marcadamente diferente, com particular destaque para a elevada representação do Curso de Produção Agrícola, em contraste com a fraca representação do curso de Maquinaria Agrícola. Este facto deve-se unicamente, na nossa opinião, aos poucos anos de existência deste último curso e ao baixo número de diplomados existente até à data do estudo. Relativamente à taxa de resposta por sexos, registaram-se 37% de respostas por diplomados do sexo feminino e 63% do sexo masculino. Face a estas considerações de natureza metodológica, parece-nos importante referir que os valores que se apresentam podem ser considerados com alguma segurança, como indicadores válidos para quaisquer reflexões a desenvolver sobre os aspectos com eles relacionados.

Tab 1 - Distribuição dos respondentes por curso e por ano de formatura

Curso	Ano de formatura							
	1995		1996		1997		Total	
	Resp	(%)	Resp	(%)	Resp	(%)	Resp	(%)
P. Agrícola	18	15,3	19	16,1	13	11,0	50	42,4
P. Animal	10	8,5	13	11,0	6	5,1	29	24,6
P. Florestal	13	11,0	11	9,3	4	3,4	28	23,7
Maquinaria	5	4,2	4	3,4	2	1,7	11	9,3
Total	46	39	47	40	25	21	118	100

1. Actividade profissional

A fim de caracterizarmos a actividade profissional dos diplomados recorreremos a duas componentes de informação, uma que versa sobre as condições de obtenção de emprego e a outra sobre o emprego propriamente dito, recaindo fundamentalmente sobre os seguintes aspectos: situação perante o emprego; dificuldades na obtenção do primeiro emprego; factores favoráveis à obtenção do emprego; caracterização do primeiro emprego e do emprego actual; relação do emprego com o curso; conhecimentos e capacidades utilizadas no emprego; satisfação no emprego e vínculo às entidades patronais.

1.1. Situação perante o emprego

Apenas 9% dos respondentes referiram que já estavam empregados ou desenvolviam uma actividade profissional no momento em que ingressaram no curso da ESACB. Em consequência disso, o dado a realçar é o de que 91% dos diplomados que responderam não tinham qualquer experiência do mercado de trabalho e, como tal, das questões de inserção no mesmo.

A situação perante o emprego durante a parte lectiva do curso descrita na Tabela 2, pode ser considerada normal se atendermos a que é natural que os alunos reforcem a sua preocupação de encontrar um emprego na parte terminal do curso. Contudo, ainda nos parece um pouco alta a percentagem de diplomados que esperam o final de curso para iniciar as acções de procura de emprego (algumas razões para tal facto poderão estar relacionadas com o desejo de alguns diplomados continuarem a carreira académica).

Uma vez terminado o estágio os alunos encontram-se efectivamente em posse de um documento, o diploma, que os poderá acreditar como técnicos capazes de desempenharem as funções que vulgarmente lhe são atribuídas por natureza da formação adquirida. Na tabela 3 podemos verificar que após terem terminado o estágio um quarto dos diplomados já se encontravam empregados. Pensamos que o facto de cerca de 23% dos diplomados necessitarem de mais de seis meses para arranjar o primeiro emprego, denota uma certa fragilidade da situação do mercado de trabalho. A acrescer à preocupação atrás referida, podemos considerar também como preocupante, ou pelo menos merecedora de atenção especial, a fraca representação da iniciativa individual dos diplomados na criação do próprio emprego.

Tabela 2 - Situação perante o emprego durante a parte lectiva do curso e do estágio respectivamente (%)

Situações perante o emprego	Parte lectiva (%)	Estágio (%)
Empregado	3.4	11.1
Iniciou uma actividade	1.7	13.7
Exercia uma actividade	6.0	10.3
Procurou emprego	14.7	48.7
Não procurou emprego	74.2	16.3
Total	100.0	100.0

Tabela 3 - Situação perante o emprego após terminar o estágio

Situação perante o emprego	(%)
Ainda não encontrou emprego	19.5
Já se encontrava empregado	25.4
Empregou-se no local onde estagiou	2.5
Não procurou emprego	0.8
Iniciou uma actividade por conta própria até 6 meses	5.9
Iniciou uma actividade por conta própria até 12 meses	2.5
Iniciou uma actividade por conta própria após 12 meses	2.5
Conseguiu encontrar emprego em 6 meses	17.8
Conseguiu encontrar emprego em 12 meses	22.9
Total	100.0

À data do estudo, verifica-se que cerca de 19% dos diplomados ainda não obtiveram o seu primeiro emprego (Tab. 4). Por outro lado, também se constata que cerca de 27% dos diplomados já mudaram de emprego. Este grau de mobilidade é tanto mais relevante, pelo facto de nos ter sido revelado que a grande maioria destas mudanças de emprego se verificaram no sentido de aproximar os diplomados de actividades mais afins com a natureza dos seus cursos, isto é, mais relacionados com o sector agrário.

Tabela 4 - Descrição da situação actual perante o emprego

Cursos	DES	DES1	EMP	EMP1	TOTAL
P. Agrícola	1,7	8,5	9,3	22,9	42,4
P. Animal	0,0	5,1	7,6	11,9	24,6
P. Florestal	0,8	4,2	6,8	11,9	23,7
Maquinaria	0,8	0,8	3,4	4,2	9,3
TOTAL 3,4	18,6	27,1	50,8	100,0	
Ano de formatura	DES	DES1	EMP	EMP1	TOTAL
1995	1,7	2,5	11,9	22,9	39,0
1996	0,0	6,8	11,0	22,0	39,8
1997	1,7	9,3	4,2	5,9	21,2
TOTAL 3,4	18,6	27,1	50,8	100,0	

(DES, desempregado, DES1, ainda à procura do primeiro emprego; EMP, empregado num emprego posterior ao primeiro; EMP1, no primeiro emprego)

1.2. Dificuldades na obtenção do emprego

Embora não esperássemos conseguir provar que as dificuldades de obtenção do primeiro emprego são relativamente diferentes daquelas sentidas na obtenção de empregos posteriores, pensamos que a tabela 5 ilustra, de alguma maneira, a importância relativa com que cada um dos factores apresentados constituem obstáculos à obtenção do emprego.

1.3. Factores favoráveis à obtenção de emprego

Quem procura emprego tenta sempre fazer com que joguem a seu favor todos os aspectos que possam pesar no juízo das entidades empregadoras. O diploma, por si só, raramente chega para se obter um determinado emprego, pois, como se pode verificar na Tabela 6, o bom relacionamento social parecer ser o factor que melhor complementa a acção de obter emprego.

Tabela 5 – Dificuldades na obtenção do primeiro emprego e emprego actual respectivamente (%)

Dificuldades	Primeiro Emprego	Emprego Actual
Desconhecimento do curso pelas empresas	19,5	5,1
Formação inadequada	13,6	1,7
Falta de experiência	36,4	6,8
Más condições de trabalho	7,6	2,5
Remuneração insuficiente	27,1	10,2
Emprego temporário	39,8	6,8
Preferência por mão-de-obra masculina	11,0	0,8
Falta de empregos na região	50,8	12,7
Inexistência de uma carreira bem definida	22,0	7,6

Tabela 6 - Factores favoráveis à obtenção do primeiro emprego e emprego actual respectivamente (%)

Factores favoráveis à obtenção de emprego	Primeiro Emprego	Emprego Actual
Boa formação técnica	12,7	7,6
Boa formação prática	16,9	8,5
Estágio	15,3	5,9
Bom relacionamento social	39,0	16,9
Grande procura de técnicos	6,8	1,7
Nenhum em especial	11,9	3,4

1.4. Caracterização do primeiro emprego

Para a caracterização do emprego recorreremos a dois tipos de informação: as funções desempenhadas pelos diplomados no exercício da sua actividade profissional, quer esta seja relacionada com o sector agrário quer com qualquer outro sector; o tipo de entidades empregadoras e a respectiva distribuição geográfica.

O leque de funções realizadas pelos técnicos diplomados pela ESACB é bastante diversificado e abrangente, podendo-se dizer que existem diplomados a exercer actividade profissional em quase todas as áreas do meio rural e agrário. Convém ainda referir que apenas cerca de 11% dos diplomados estão a desempenhar funções profissionais que não se relacionam com o sector agrário. Tomando como referência os estudos de inserção profissional anteriormente efectuados

na ESACB, pode dizer-se que este indicador tem vindo a decrescer nos últimos tempos. Tal facto, poderá dever-se à crescente dificuldade em conseguir emprego como professores do ensino preparatório e secundário, pois, ultimamente tem-se verificado que mesmo os próprios professores diplomados nas Escolas Superiores de Educação sentem dificuldade em encontrar colocação, esgotando assim algumas possibilidades de obtenção do primeiro emprego por parte dos diplomados da ESACB.

A distribuição das entidades empregadoras apresenta-se de alguma maneira prefigurada com a política agrária que se pretende instalar, privilegiando a iniciativa privada, as organizações de agricultores e outros organismos em detrimento da intervenção no aparelho do Ministério da Agricultura. Assim, as entidades empregadoras são, na sua maior parte, de carácter privado ou cooperativas e associações, às quais se segue o Estado (Tab. 7).

Tabela 7 – Entidades Empregadoras relacionadas com o sector agrário

Entidades	(%)
Organizações de Agricultores	34,5
Empresas privadas de produção	31,2
Organismos Públicos do Sector Agrário	13,3
Entidades promotoras de formação	5,8
Actividade por conta própria	5,4
Indústria	5,4
Câmara Municipais	4,4
Total	100,0

N=82

No que respeita à distribuição geográfica do emprego verifica-se que um quarto dos diplomados se encontra a desenvolver trabalho na zona de influência da ESACB (Tab. 8). De certa forma, pensamos que estes valores tanto em termos percentuais como em termos absolutos, atestam bem o importante papel que a ESACB tem vindo a desempenhar no que respeita a formação de técnicos com capacidade de fixação na região da Beira Interior, contribuindo de forma clara para o seu desenvolvimento.

Tabela 8 – Distribuição geográfica do emprego (%)

Empregados no Concelho de C. Branco	12,9
Empregados na região de infl. da ESACB	12,9
Empregados no resto do país	74,2
Total	100,0

1.5. Relação do emprego com o curso

A relação do emprego como o curso parece, como atrás já referimos, aumentar ligeiramente com a mobilidade de emprego, mas apenas em dois dos cursos em estudo (Tab. 9). Dos 28 diplomados que já mudaram pelo menos uma vez de emprego, apenas 2 não se empregaram no ramo agrário. Este elemento é de certa forma reconfortante, face à grande expectativa que se coloca sempre na eventualidade de conseguir um emprego relacionado com a formação conferida durante o curso.

Tabela 9 - Relação entre o primeiro emprego e o curso

Curso	Com relação	Sem relação	Total
Agrícola	34,4	7,3	41,7
Animal	16,7	7,3	24,0
Florestal	22,9	1,0	24,0
Maquinaria	9,4	1,0	100,0
Total	83,3	16,7	100,0
Ano de formatura			
1995	40,6	4,2	44,8
1996	30,2	10,4	40,6
1997	12,5	2,1	14,6
Total	83,3	16,7	100,0

Tabela 10 - Avaliação da satisfação no primeiro emprego (%)

Crítérios	Insatisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito
Actividade profissional	19.6	50.0	30.4
Remuneração	33.7	50.7	16.3
Estabilidade de emprego	62.0	23.9	14.1
Perspectivas de progressão na carreira	63.0	31.5	5.4
Perspectivas de melhoria salarial	54.4	38.9	6.7
Actualização de conhecimento	28.9	41.1	30.0
Desenvolvimento profissional	23.1	48.4	28.6
Ambiente socio-profissional	20.9	45.1	34.1
Acesso ao local de trabalho	20.9	38.5	40.7
Tempo livre	31.9	52.7	15.4
Prestígio social	12.2	58.9	28.9

N=92

1.6. Avaliação da satisfação no emprego

A satisfação profissional poderá ser influenciada por uma multiplicidade de factores de natureza socio-económica.

Na Tabela 10 apresentamos alguns dos factores que pensamos poderem ilustrar com alguma acuidade este aspecto, que nunca deixa de ter uma grande carga de subjectividade.

Cenários perspectivados para o futuro

A grande maioria dos respondentes declarou sentir necessidade de mais formação e apenas 8%

se diz satisfeitas com a formação que possui relativamente ao desempenho da sua actividade profissional.

O tipo de formação desejada é, fundamentalmente, uma formação de especialização (83%), sendo a formação de actualização apenas referida por 17% dos respondentes. Daqui, talvez se possa inferir, que a aquisição de mais formação poderá ser um dos factores determinantes para a evolução dos cenários que os técnicos diplomados pela ESACB perspectivam para o seu futuro (Tabela 11).

2. Considerações finais

Em termos de nota final, somos levados a considerar que o cenário do mercado de trabalho para os técnicos agrários já foi mais simples e, como tal, mais fácil o acesso ao emprego. Presentemente, da evolução constante e acelerada de todos os sistemas tecnológicos produtivos ou não, dos sistemas comerciais e dos sistemas de comunicação, emerge para os técnicos agrários uma multiplicidade de possibilidades de desempenho de actividade profissional como nunca até aqui se tinha verificado. Porém, com esta diversidade, surgem de forma acrescida as dificuldades e os desafios que se colocam ao recém-diplomados para entrar no mercado de trabalho, no qual a concorrência também aumentou tanto pela força da procura como pela natureza da oferta.

Deste modo, consideramos vital que a ESACB, neste contexto, cumpra o seu papel de inovar e de aumentar os padrões de qualidade da formação que oferece aos seus alunos, por forma a que, estes surjam mais competitivos no mercado de trabalho. Por outro lado, cumpre aos alunos, cada vez mais, estarem atentos a todas as actividades que, de uma maneira ou de outra, lhes permitam um melhor posicionamento nesse mesmo mercado. Por fim, mas não menos importantes, serão todas as acções institucionais ou individuais, tanto de natureza técnica como financeira, que possam contribuir para um aumento significativo da criação do próprio emprego.

* Escola Superior Agrária de Castelo Branco, Quinta da Sr^a de Mércules, 6000 Castelo Branco - PORTUGAL

Tabela 11 - Cenários que os diplomados perspectivam para o seu futuro profissional

Cenários	(%)
Tentar fazer carreira fora do sector	22,9
Crise no sector é profunda, muitas dúvidas	20,3
Tentar manter-se no emprego e melhorar a suas condições	19,5
Tentar conseguir a estabilidade profissional	16,1
Tentar melhorar as condições do emprego actual	15,3
Dependência das políticas para sector Agro Florestal	11,9
Tentar estabelecer-se por conta própria	11,0
Crise no sector empresarial, fracas perspectivas de emprego	10,2
Tentar licenciar-se para melhor acesso ao emprego	8,5
Acredita que consegue no sector agrário	7,6
Perspectivas negativas para o futuro dos cursos	5,9